

# Homenagem a Almeida Pavão

Este Suplemento faz parte integrante da edição do dia 6 de Dezembro de 2019 e não pode ser vendido separadamente

## Memória que permanece



Santos Narciso  
Director Adjunto  
do Correio dos Açores

Celebrar o centenário de nascimento de uma personalidade como o Professor José de Almeida Pavão Jr. é acto de justiça para com a sua memória e de merecimento para quem o promove. Por isso mesmo, aceitei com muita alegria a sugestão e convite do Director do “Correio dos Açores” e meu Amigo, Américo Natalino Viveiros, para deixar o meu testemunho sobre tão grande vulto da nossa Cultura que tive o gosto de ter como “vizinho”, na Calheta, em Ponta Delgada, e que acompanhei, durante muitos anos, neste mesmo Correio dos Açores que o Professor Almeida Pavão distinguiu com as suas brilhantes crónicas e reportagens sobre acontecimentos culturais, nomeadamente sobre Literatura, Arte e Música.

Nele coexistiam três dimensões que marcam quem o conheceu: o pedagogo, o escritor e o humanista. Nunca tive o gosto de ser seu aluno, mas as suas conversas era sempre autênticas aulas. Com ele muito aprendi e dele muitos ensinamentos bebi, essencialmente sobre a Língua Portuguesa, de que era ímpar cultor, e sobre os Açores que amava entranhadamente e que sempre serviu devotadamente. Mas basta ouvir aqueles que foram seus alunos para termos ideia da sua dimensão como Professor, no Velho Liceu de Ponta Delgada, de que foi Vice-Reitor e Reitor, ou na Escola do Magistério Primário onde foi também Professor e Director. Quando se pensou na Escola Normal Superior para Ponta Delgada, foi nomeado Membro da sua Comissão Instaladora e foi também entusiasta, desde e a primeira hora do Instituto Universitário dos Açores que viria a ser transformado na nossa Universidade.

Nessa mesma Universidade de que foi Professor Convidado, desde a primeira hora, viria a doutorar-se em Filologia Românica, com uma brilhante tese, imortalizada em livro, com o título “Aspectos do Cancioneiro Açoriano”. Para Almeida Pavão, a fundação da Universidade foi “uma das maiores, senão a maior conquista para a grei açoriana”.

Exigente no ensino, conseguia porém um clima de colaboração e liberdade, valorizando muito a interdisciplinaridade e as actividades de desenvolvimento in-



“Almeida Pavão vive no grande legado que nos deixou e que ainda é pouco conhecido”

tegral dos alunos, o que resultava num clima de respeito e amizade, presente em muitos testemunhos que sobre ele tenho ouvido.

Como escritor tem dezenas de obras publicadas, no campo da ficção, poesia, ensaio, conto e memórias. Foi Amigo de Armando Cortes-Rodrigues à memória de quem dedicou a sua tese de Doutoramento a que já me referi.

Sempre pronto para servir a comunidade e paralelamente aos seus trabalhos de Professor e Investigador, colaborou com a Junta Geral do então Distrito de Ponta Delgada, foi um brilhante e dedicado director da Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, e também director da Revista Insulana do Instituto Cultural de Ponta Delgada, que muito lhe deve, em qualidade e dedicação.

Profundo conhecedor de tudo quanto a teatro diz respeito, deixou-nos importantes obras sobre a matéria, com especial destaque para o teatro popular que era uma das suas grandes paixões.

E tudo isto, todo este saber, todo este

espírito de serviço e toda esta dedicação à causa pública, sempre eivados de um profundo humanismo, numa simplicidade encantadora, uma simpatia irradiante e uma palavra de estímulo sempre presente.

No Correio dos Açores, onde tem arquivadas brilhantes crónicas, nunca havia uma referência, um artigo ou uma notícia que lhe dissesse respeito, que não merecesse um telefonema, uma visita ou um cartão de reconhecimento. Mas também nunca deixava de fazer um reparo sempre que um erro de composição tipográfica ou uma gralha lhe deturpavam o sentido do que havia escrito. Ficava triste com um erro e, muitas vezes, pedia para ver uma “segunda prova”, daquelas “provas de galeão”, tiradas a soco em papel molhado e que hoje poucos saberão o que são. Era perfeito em tudo o que fazia, mas a todos dispensava um sorriso que ainda hoje perdura na memória de quem o conheceu na “sua” Rua do Laureano, acompanhado de sua extremosa esposa, a simpática e, para os vizinhos, querida D. Lili!

“Exigente no ensino, conseguia porém um clima de colaboração e liberdade, valorizando muito a interdisciplinaridade e as actividades de desenvolvimento integral dos alunos, o que resultava num clima de respeito e amizade, presente em muitos testemunhos que sobre ele tenho ouvido”

“Almeida Pavão vive no grande legado que nos deixou e que ainda é pouco conhecido. Muitos dos seus livros estão esgotados e bom seria que alguns deles tivessem novas edições. E como forma de assinalar o centenário do seu nascimento, que bom seria um livro com a recolha de muitas das suas crónicas...”

Há figuras que não se apagam da nossa história comum. O Professor Almeida Pavão é uma delas. Quando, a 20 de Setembro de 2003 passou para a outra dimensão da vida, já quase a completar 84 anos, tive a sensação que era uma importante voz da Açorianidade, no sentido estrito do termo Nemesiano, que desaparecia. E foi! Na sua dimensão de regionalismo universalizante, com o mesmo à vontade falava do “Sortilégio da Insularidade nos Poetas Micaelenses”, como dissertava sobre “o Portuguesismo de Cecília Meireles e os Açores”.

Almeida Pavão vive no grande legado que nos deixou e que ainda é pouco conhecido. Muitos dos seus livros estão esgotados e bom seria que alguns deles tivessem novas edições. E como forma de assinalar o centenário do seu nascimento, que bom seria um livro com a recolha de muitas das suas crónicas espalhadas pelos jornais, nomeadamente o “Correio dos Açores”.

Honrar a memória dos nossos Maiores é a melhor forma de os termos vivos. Porque “só morremos quando deixamos de falar de nós”!

# Lições inesquecíveis



João Bosco Mota Amaral

Tinha fama de ser duro e até autoritário, o que talvez lhe viesse da sua função de Vice-Reitor, a quem cabia o encargo de dar descomposturas em algum aluno levado à Reitoria por algum comportamento menos adequado, desonerando de tal encargo o Reitor João Anglin, notável pelo seu feito indulgente, sempre propenso a tudo desculpar...

Quando, porém, calhou ser aluno do

Professor José Almeida Pavão desfez-se-me tal imagem em pouco tempo e descobri o seu ensino competente e os seus desvelos de verdadeiro Mestre para com todos, puxando especialmente pelos que revelavam menos aptidão ou interesse pela sua disciplina, que era, naquele 2º ano, em 1954/1955, a Língua Portuguesa.

Empenhado cultor dela era ele próprio, já então com livros publicados, em poesia e

em prosa. O sucesso havia de vir mais tarde com a novela "Xailes Negros", guindada à notoriedade nacional mercê da sua transposição televisiva, nos tempos áureos de criatividade da RTP/Açores.

Como professor, o seu objectivo era despertar nos alunos o gosto por ler e escrever bem em Português, instrumento indispensável para o estudo de qualquer disciplina e também para pensar e afirmar-se ao longo da vida, qualquer que seja o caminho escolhido. Todas as semanas tínhamos de apresentar uma redacção contando "O caso da semana". Bem, não era exactamente todas as semanas, porque um caso suficientemente intemporal podia ficar de reserva no caderno diário à espera da chamada para fazer a sua leitura, que não abrangia nunca a turma inteira, obviamente...

Tornei a ser aluno do Professor José Almeida Pavão no 6º e 7º anos, então de Literatura Portuguesa. O curso de Letras era pequeno e isto permitia uma proximidade professor-aluno muito grande. O método de ensino era também diferente, já com sabores de antecipação universitária. Éramos desafiados a procurar elementos de estudo na Biblioteca do Liceu e nela nos habituávamos a ir às fontes, complementando as leituras feitas nas aulas de textos dos autores incluídos no programa oficial da disciplina e tratando de descobrir por nossa conta muitos outros. Reconheço que este treino me ajudou muito, quando frequentei em Lisboa a Faculdade de Direito.

As aulas decorriam então em animado diálogo, com intervenção de toda a turma.

E não faltava a discussão sobre as outras leituras que íamos fazendo, sobre os temas os mais variados, que no nosso grupo não faltava curiosidade para tudo e mais alguma coisa, muito estimulada pelo nosso professor de Literatura Portuguesa e pelos das outras disciplinas também.

Quando, anos mais tarde, com a nossa Autonomia Democrática já em pleno funcionamento, a Universidade dos Açores se destacou como uma das instituições fundamentais do projecto de afirmação e valorização da identidade açoriana, José Almeida Pavão foi um dos primeiros a obter nela a bem merecida láurea doutoral, prestando para isso as provas prescritas. A sua transição para o corpo docente da mesma foi natural e um factor de prestígio e enriquecimento do mesmo.

Aí manteve, até se jubilar, uma actividade notável, sempre orientada prioritariamente para o estímulo dos alunos e para a valorização pessoal deles. Por isso continua a ser recordado com saudade por quem o teve por professor, todos em geral descrentes de que estejamos já a evocar o centenário do seu nascimento, tão próximo o sentimos de nós.

Ponta Delgada, 3 de Dezembro de 2019

João Bosco Mota Amaral

(Por convicção pessoal, o Autor não respeita o assim chamado Acordo Ortográfico.)

## Recordação



Jaime Gama

O Dr. José de Almeida Pavão Júnior marcou toda a minha passagem pelo Liceu Nacional de Ponta Delgada, de 1958 a 1965.

À época, era alguém que perfigurava um verdadeiro modelo de professor do ensino secundário, respeitado por colegas e alunos, interveniente na vida cultural da cidade e membro activo de várias instituições públicas. As suas horas de labor mais continuado eram sem dúvida as que dedicava ao Liceu, à preparação das suas aulas e ao acompanhamento dos seus alunos. Mas o seu tempo livre era inteiramente investido na escrita, como pode ser atestado pela numerosa obra que legou. O seu interesse pela literatura, pela estética, pela filosofia, bem como pelas temáticas de índole regionalista, faziam dele um intelectual polifacetado, que muito honrava a tradição clássica e humanística da sua formação universitária de origem.

Muito organizado e incansável trabalhador, nunca recusava aos alunos que o solicitassem informações relevantes, referências bibliográficas ou caminhos diversificados de pesquisa. Era exigente, disciplinador e justo na avaliação. Sabia impor à sua volta um espírito natural de respeito que irradiava de forma modular para o resto da comunidade que era o Liceu e que projectava para o exterior essa parcela insubstituível de credibilidade indispensável a qualquer instituição de ensino.

O latim e o grego tinham nele um cultor motivado, mas a filologia e a gramática eram áreas em que

demonstrava sólido aprofundamento. A formação da língua portuguesa e os seus textos iniciais davam-lhe especial inspiração. A dissecação dos grandes clássicos e das correntes mais modernas eram matérias que cultivava com profundo discernimento e conseguia transmitir com inegável interesse. Sabia manter-se actualizado e não raro era interveniente em debates de âmbito nacional.

A evolução dos tempos pode não ter sido do seu agrado e nem por isso lhe fez perder a determinação, lançando-se num doutoramento que lhe assegurou, e justamente, o ingresso numa carreira académica na Universidade dos Açores, onde o nome de família, em outra área do conhecimento, ainda hoje perdura, graças ao desempenho - igualmente sério - de sua filha Leonor.

O reconhecimento público pela sua fibra de lutador não lhe é negado, seja no momento inicial do seu percurso escolar, seja no vértice jubilado das suas lides literárias e universitárias.

De entre muitos, fui seu aluno em várias disciplinas, que segui com inegável proveito, e que muito me enriqueceram com a erudição de tão notável professor.

Recordar as suas aulas, a sua postura, a sua dedicação, a sua vida íntegra - eis algo que deve ser colocado acima de tudo nesta passagem dos 100 anos do seu nascimento.

Obrigado, Dr.Pavão.

# No centenário do nascimento de José de Almeida Pavão (1919-2019)



Henrique de Aguiar Oliveira Rodrigues, Presidente da Direcção do Instituto Histórico de Ponta Delgada

Convidado a colaborar nesta homenagem ao saudoso Professor Doutor José de Almeida Pavão Júnior (1919-2003), o Instituto Cultural de Ponta Delgada recorda com saudade aquele ilustre açoriano, figura marcante da vida social e cultural dos Açores na segunda metade do século XX, a quem vimos, mais uma vez, prestar a nossa gratidão por tudo o que foi e pelo muito que fez em prol do desenvolvimento cultural de várias gerações de açorianos.

Nascido em Ponta Delgada, a 6 de Dezembro de 1919, fez o ensino secundário no liceu desta cidade; em 1941, licenciou-se em Filologia Clássica, na Universidade de Lisboa; e, em 1943, foi colocado no seu antigo liceu, onde iniciou uma brilhante carreira académica, que terminaria, em Agosto de 1989, na Universidade dos Açores, com o grau de Professor Catedrático de nomeação definitiva.

Dotado de uma personalidade multifacetada, o Doutor Almeida Pavão, pela sua inteligência, capacidade de trabalho e espírito cívico desempenhou, para além da sua brilhante carreira no ensino, numerosas tarefas na vida pública e cultural.

Mestre insigne e amigo fraterno de várias gerações de jovens, foi professor, vice-reitor e depois reitor do Liceu de Ponta Delgada, numa época em que esta Instituição, graças a uma plêiade de ilustres professores, constituiu um pólo de dinamização social, literária e artística

da cidade de Ponta Delgada. O Dr. Pavão, como era popularmente conhecido, ficou na memória de todos nós. Estou certo que ninguém da minha geração esquecerá o magnífico período dos anos 50 e 60 recheado de realizações desportivas e culturais, espectáculos de teatro, concertos, coros, conferências e exposições.

O Doutor Almeida Pavão foi, sem dúvida, um dos mais empenhados em toda essa importante actividade, que fazia do Liceu de Ponta Delgada uma das instituições mais acreditadas da vida intelectual dos Açores.

Tudo o que dissesse respeito ao liceu interessava e mobilizava a sociedade micalense, designadamente as entidades oficiais e os organismos culturais, como o Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Foram exemplo dessa meritória actividade as festividades levadas a efeito no ano de 1952, para comemorar o 1.º centenário do Liceu de Ponta Delgada, evento que se ficou a dever a muitas pessoas, mas que teve no Doutor Almeida Pavão, que era na altura seu vice-reitor, um dos seus maiores dinamizadores. As festas do “centenário” foram um marco que proporcionou o envolvimento entusiasta de toda a população escolar e que teve o seu ponto alto na récita de gala, levada a efeito no Teatro Micalense, no dia 19 de Fevereiro de 1952, e na qual se representou o *Tempo e a Máscara*, peça em dois actos, escrita por outros dois ilustres professores, Armando Côrtes-Rodrigues e Lúcio Miranda. No espectáculo, em

**“Dotado de uma personalidade multifacetada, o Doutor Almeida Pavão, pela sua inteligência, capacidade de trabalho e espírito cívico desempenhou, para além da sua brilhante carreira no ensino, numerosas tarefas na vida pública e cultural. Foi Mestre insigne e amigo fraterno de várias gerações de jovens...”**

**O Doutor Almeida Pavão foi, sem dúvida, um dos mais empenhados em toda essa importante actividade, que fazia do Liceu de Ponta Delgada uma das instituições mais acreditadas da vida intelectual dos Açores. Tudo o que dissesse respeito ao liceu interessava e mobilizava a sociedade micalense...”**

**“A ele se ficou a dever o incremento de relações de amizade entre as instituições culturais açorianas – nomeadamente a Universidade dos Açores e o Instituto Cultural de Ponta Delgada – e as suas congéneres nos Estados Unidos da América, do Canadá e do Brasil, próximas das nossas comunidades de imigrantes. Facto demonstrado pela leitura de inúmeros artigos publicados na revista *Insulana*”**

que participaram os alunos, bem como alguns professores e um número elevado de antigos alunos, o nosso homenageado deu uma aula de latim, onde cantou a ária “La donna è mobile”, da ópera *Rigoletto* criada por Giuseppe Verdi.

Dotado de uma grande sensibilidade artística o Doutor Almeida Pavão teve um importante papel na criação e no desenvolvimento da Academia Musical e da Pró-Arte, instituições que foram fundamentais para o desenvolvimento cultural da ilha de São Miguel e dos Açores, pois a primeira seria o embrião do Conservatório Regional.

Em 1976, e por convite do Doutor José Enes, foi requisitado para assistente do então nascente Instituto Universitário dos Açores, onde regeu as disciplinas de Teoria e História do Teatro e História da Literatura Portuguesa. Em 1980, quando aquele instituto passara já a Universidade dos Açores, fez o doutoramento em Filologia Românica, passando a professor auxiliar daquela instituição.

Em 1986, foi bolseiro do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, para proceder a uma investigação sobre a Literatura Catarinense e a presença cultural dos Açores no Brasil.

Fez conferências nas universidades de São Paulo e Santa Catarina, tendo sido nesta, durante cerca de três meses, professor convidado, entre 1986 e 1987. A ele se ficou a dever o incremento de relações de amizade entre as instituições culturais açorianas – nomeadamente a Universidade dos Açores e o Instituto Cultural de Ponta Delgada – e as suas congéneres nos Estados Unidos da América, do Canadá e do Brasil, próximas das nossas comunidades de imigrantes. Facto demonstrado pela leitura de inúmeros artigos publicados na revista *Insulana*, órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada, entre 1986 e 1992, então sob a coordenação do Doutor Almeida Pavão.

Em 1990, foi nomeado Director da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, cargo que exerceu até 1995. Foi sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada, tendo sido eleito para a sua direcção, como vogal, em 1957; foi depois vice-presidente, e, em 1985, substituiu o Dr. João Bernardo Oliveira Rodrigues na presidência, exercendo dois mandatos, até 1991.

Como escritor tem uma longa lista de publicações que incluem obras de investigação, ensaio, poesia e ficção. Nesta última modalidade mostrou o seu interesse pela etnografia e literatura popular, procurando criar uma imagem do povo micalense.

## Leonor Pavão Sequeira de Medeiros

# “O meu pai faz parte dos professores e educadores que marcam gerações”

**Correio dos Açores - O humanismo, a maneira de ser e a bondade de Almeida Pavão, são inesquecíveis para quem o conheceu. E o amor à família transparece no bellissimo livro de ficção que escreveu, intitulado “Marianinha”. Fale-nos de Almeida Pavão como pai, marido professor e prestante cidadão!**

**Leonor Pavão (Filha)** - Ser professor foi o centro da sua vida - uma escolha feita muito cedo, que brotou naturalmente como vocação, depois convertida em paixão, no seio do ambiente familiar em que foi criado. De facto, na sua família havia vários professores, quer em linha directa, quer colateral - desde logo o seu pai e a sua Avó paterna, que se constituíram como figuras tutelares da sua vida, ambos professores primários. Foi essa avó velhinha, como ele dizia, já reformada, que passou a viver com eles depois da morte da sua mãe, que os deixou muito cedo (a ele e às suas duas irmãs) e assumiu o papel daquela no seu desvelo e carinho pelos netos. Foi ela que lhes ensinou as primeiras letras. O pai, por sua vez, o seu grande amigo e conselheiro que ele muito admirava, foi o seu professor de instrução primária na escola de S. Roque. Na sua vida profissional, foi durante mais de trinta anos professor do Liceu de Ponta Delgada, sem nunca deixar de exercer a actividade docente, nem mesmo quando foi vice-reitor e reitor, ou quando desempenhou outros cargos públicos, sempre a título transitório e gratuito, como cidadão prestante que era. Inclusivamente, em determinada altura, foi instado a fazer carreira política, nomeadamente ao nível da representação parlamentar e da governação, mas sempre o recusou, porque o seu centro vital era o magistério - dizia que, para além da família, as suas melhores companhias eram os seus alunos e os livros.

Logo nos primeiros anos depois de se ter efectivado no Liceu, tentou por várias vezes obter bolsa para continuar os seus estudos no estrangeiro, com o propósito de fazer um doutoramento, mas nunca o conseguiu, por razões externas à sua pessoa. Nem por isso deixou de se devotar ao estudo e à reflexão, começando a publicar muito cedo textos de ensaio e crítica em várias revistas da especialidade. Só bem mais tarde, com a criação do Instituto Universitário dos Açores, surgiu novamente a oportunidade de concretizar as suas velhas aspirações e fazer uma carreira universitária completa e intensa, tendo construído um currículo muito extenso, incluindo muitas publicações, quer ao nível da investigação (nomeadamente etnográfica) e do ensaio, quer da ficção e de obras de índole memorialista.

Em casa, no tempo em que o meu irmão e eu fomos criados, a sua vida de professor (que também era a da minha mãe) e as actividades daí decorrentes ou relacionadas eram o pano de fundo das conversas, sem que sentíssemos qualquer perda de atenção ou de centralidade da vida familiar. A minha mãe, que o apoiava e acompanhava em tudo, sendo a sua primeira crítica e o seu grande suporte nas questões do dia-a-dia, graças ao seu espírito muito vivo e sentido prático que lhe facilitava a vida, assumia o governo da casa, deixando-o livre para os seus trabalhos e demais actividades. Mas era ele, de facto, o chefe de família e dedicava-nos tempo de qualidade, querendo inteirar-se de tudo, aguçar-nos a consciência e orientar-nos da melhor forma. As refeições eram o momento ideal para isso. Era um pai carinhoso



“Meu pai esteve também sempre ligado à promoção de actividades “circum-escolares” no Liceu”

e muito atento, mais severo com o meu irmão, que era mais traquinas e rebelde do que eu, mas ao mesmo tempo generoso, de alma lavada e cheio de graça, qualidades que o meu pai muito admirava nele. Cultivava muito a família, que gostava de juntar e visitar frequentemente, falando-nos muito dela e das suas histórias. A “Marianinha”, o seu último romance, dedicado à terra dos seus pais (Ginetes), traduz, efectivamente, muito da sua vivência familiar e em meios rurais que o marcaram, que despertaram o seu interesse pela cultura popular e, inclusivamente, o inspiraram na sua obra de ficção.

**A sua qualidade de filha e, ao mesmo tempo, de professora e educadora. Como vê o que foi o Professor Almeida Pavão nestas duas dimensões?**

Creio que posso dizer, sem falsas modéstias, que o meu pai faz parte dos professores/educadores que marcam gerações, não só pela carreira longa que teve no ensino secundário e no universitário, mas pelo que deixou de estruturante e, por isso, importante na formação para a vida dos seus alunos, decorrente da sua visão da educação e da forma de a pôr em prática, da riqueza dos seus ensinamentos e das relações de camaradagem respeitosa e amizade que tinha a capacidade de estabelecer com os seus alunos. Encarava a educação como um processo integral e continuado de crescimento que ultrapassa largamente o contexto circunscrito das aulas e do cumprimento de programas. A criação de um ambiente que cativasse, que elevasse o pensamento e despertasse o interesse pelas coisas do espírito, a par de uma preocupação com um desenvolvimento pessoal assente numa consciência bem formada, de respeito e cultura de valores, eram as linhas mestras que orientavam a sua pedagogia. Eu própria, na qualidade de sua aluna de Português no ensino geral, posso testemunhar, com o olhar perspectivado que o tempo

**“Creio que posso dizer, sem falsas modéstias, que o meu pai faz parte dos professores/educadores que marcam gerações, não só pela carreira longa que teve no ensino secundário e no universitário, mas pelo que deixou de estruturante e, por isso, importante na formação para a vida dos seus alunos...”**

cria, a forma como conduzia as suas aulas, como enquadrava e centrava os temas a tratar, fruto de uma vasta e sólida cultura humanística. Refiro, a título de exemplo, o modo como abordava e amenizava a leitura e compreensão d’ Os Lusíadas, que já então eram obra obrigatória do programa do 5º ano, geralmente pouco atractiva e onde frequentemente a tónica era muito posta na análise e divisão de orações. O meu pai, tirando partido do seu conhecimento da mitologia greco-latina, contava-nos, como numa história, os “enredos” dos deuses, que, nas suas qualidades e defeitos, tanto se assemelhavam afinal aos homens, suas pretensas criaturas!

Para além disso, o meu pai esteve também sempre ligado à promoção de actividades “circum-escolares” no Liceu. Lembro particularmente as do seu tempo de reitorado, que iam desde conferências por professores e alunos a palestras

sobre um compositor ou uma época, acompanhadas pela execução de peças ilustrativas, até às célebres récitas no Teatro Micaelense, levadas à cena por alunos, que representavam grandes autores como Gil Vicente, Shakespeare, Molière, entre outros, sob a direcção de Mestre António Roberto de Oliveira Rodrigues.

**Para além de Professor de muitas gerações, no velho Liceu e na Universidade, Almeida Pavão era um cidadão interventivo em tudo o que à cultura diz respeito. Que memórias guarda disto?**

O seu gosto pela cultura, decorrente de uma formação centrada no estudo das Humanidades, da sua vocação literária e do seu interesse pela arte, levaram-no a envolver-se em instituições ligadas a esses domínios, a promover e a participar em inúmeras actividades desse foro durante toda a vida. Tenho nas minhas memórias mais antigas o seu labor como sócio e o seu empenho no desenvolvimento da Academia Musical e, mais tarde, na transformação dessa instituição no Conservatório Regional de Ponta Delgada de hoje. Junto a essa a da sua actividade no Instituto Cultural de Ponta Delgada, por que muito pugnava e de que mais tarde foi Presidente e mesmo editor da sua revista, Insulana. Tenho presente, em ambos os casos, a partilha de afazeres e a colaboração com o Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, seu antigo professor, querido amigo e companheiro de viagens, que foi alma e presidente das duas Instituições. Recordo igualmente a sua participação nas “Semanas de Estudo” dos anos 60, a propósito de uma das quais me levou à Terceira. De resto, fazia parte do ambiente de fundo da casa a agitação serena, se assim se pode qualificar, criada pelos seus muitos interesses culturais e respectivas manifestações em colóquios, seminários, conferências, exposições e concertos.

**Almeida Pavão conviveu com outros vultos Açoreanos como Rui Galvão de Carvalho e Armando Cortes Rodrigues. Como era e que memórias guarda dessa relação?**

As suas relações com Rui Galvão de Carvalho iam para além da simples convivência no Liceu como colegas de profissão. Partilhavam interesses comuns no plano intelectual, nomeadamente no que diz respeito a Antero de Quental e à sua obra. No plano pessoal, havia uma estima mútua, revelada, por exemplo, no facto de serem compadres, já que meu pai era padrinho do seu filho.

No que diz respeito a Armando Cortes Rodrigues, antigo professor de francês dos meus pais no Liceu, tenho uma memória muito nítida da sua proximidade e da grande amizade que nutriam um pelo outro. Era amigo de família - lembro bem das vezes em que aparecia na nossa casa da Fajã de Baixo, onde passávamos uma parte do Verão, com o propósito específico de contemplar calmamente a vista magnífica que então se desfrutava do alto de um torreão lá existente. Recordo igualmente a ternura com que nos recebia, como meu irmão e a mim, ainda pequenos, quando acompanhávamos meu pai nas visitas que lhe fazia na sua casa, hoje sede do Instituto Cultural de Ponta Delgada, particularmente no Natal. Fazia questão de nos mostrar o seu presépio, que descrevia numa linguagem simples e cheia de cor que me encantava, particularmente quando se referia

# À memória do Professor Doutor José de Almeida Pavão Jr.



Ermelindo Peixoto (Professor Catedrático)

Celebra-se, nesta data, o centenário do nascimento de um açoriano notável. Com efeito, a 6 de dezembro de 1919 nascia, em Ponta Delgada, José de Almeida Pavão Jr., filólogo, professor, investigador e escritor e jornalista, cuja vida dedicou especialmente ao ensino e à gestão académica, liceal e universitária. Con-

tribuiu para alterar o sentido destas funções ao longo do seu longo e profícuo magistério, imprimindo-lhes uma matriz operante assente na estima incondicional pela pessoa humana.

A sua pedagogia universitária, que conheci melhor, assentava claramente em pressupostos teleonómicos, isto é na capacitação do es-

tudante, dotando-o de incentivos conceptuais e dialéticos (às suas construções pessoais) capazes de contribuir para a transformação do conhecimento e, daí, para uma autonomia epistemológica mais inclusiva. Esta opção traduzia a preferência pela emissão e avaliação de multiplicidades, pressupondo, claramente, um movimento dialético e desenvolvimentista nas ações de aprendizagem.

Não se tratava de utopia, mas antes da clarividência de ação que caracterizava seu magistério docente, persuadido, quiçá, pela asserção fundamental de que o incentivo (exploratório e multidimensional) implicado nesse movimento é mais utilizável do que as metodologias racionalistas do passado. Prevavia, assim, os fenómenos da globalização e da relação competitiva que, entretanto, se tornariam realidade.

Foi notável o processo desenvolvimentista que determinou essa sua opção: o reconhecimento de que a igualdade de oportunidades não resulta do exercício autoritário do poder epistemológico do professor, mas antes da partilha dialética desse poder, ou seja da orientação igualizadora que permite desenvolver as oportunidades de participação e alcançar o primado da autonomia epistemológica, através da abstração reflexiva e do exercício metacognitivo.

Este processo desenvolvimentista será próprio dos criadores literários, porquanto estes não se limitam a interpretar as histórias

dos outros, numa lógica teleológica de organização das condutas, mas antes a criar as suas próprias histórias, incentivando os outros a construí-las também, pela metarreflexão. Na verdade, o Professor Doutor Almeida Pavão foi também escritor, tendo-se debruçado, nessa qualidade, sobre a realidade açoriana mais profunda. A sua obra demonstra um interesse crítico pela etnografia e pela literatura popular, aparecendo os ambientes criados pelo seu punho vertidos em romances e telenovelas de cariz regionalista, que o tornariam ainda mais conhecido nas Ilhas e fora delas.

Evoco a sua memória com saudade, pois tive o privilégio de com ele privar, longos anos, enquanto docente universitário e, nessa medida, pude constatar as suas inextinguíveis qualidades pessoais e méritos académicos. Por inerência da minha especialidade, quiçá, fui, por vezes, seu confidente. Pude, constatar, na dimensão pessoal, a generosidade com que tratava o seu semelhante, a sua bonomia e condescendência para com os outros, mormente para com os seus discípulos, além da estima que nutria pelos colegas com quem trabalhava e do orgulho que sentia dos filhos. E os netos, um dos quais atualmente comandante de linha aérea, tal como o pai o fora também em vida, eram a menina dos seus olhos. Um académico de grande prestígio, cuja ação e exemplo constituem, certamente, um modelo a seguir pelas gerações presentes de universitários.

## Retomar a leitura da ficção do professor



Ana Isabel Serpa

Na década de 80 do século XX, José de Almeida Pavão Júnior foi meu professor de Literatura Portuguesa quando fiz a minha licenciatura em Português/Inglês, na Universidade dos Açores. Erudito e sempre bem preparado, gostava de atenuar o eventual

peso das lições com pequenas histórias bem-humoradas.

Anos mais tarde, nos anos 90, fui uma das produtoras criativas da série videográfica «Açorianos de Cultura», uma coprodução do CATE (Centro de Apoio Tecnológico à

Educação) e da Direção Regional da Cultura. E porque uma das personalidades da cultura açoriana escolhidas foi Armando Côrtes-Rodrigues, de imediato me lembrei de que o guionista certo seria o Professor Doutor José de Almeida Pavão, que, nessa altura, já estava aposentado. Côrtes-Rodrigues fora seu colega e amigo. Além disso, o Professor Almeida Pavão era um estudioso da sua obra e assumira a responsabilidade de organizar e publicar parte dos livros de cariz etnográfico, de que serve de exemplo o Romanceiro, que se encontrava disperso.

Convidei o Professor Almeida Pavão para ser guionista do videograma, e ele, amavelmente, aceitou o desafio. Fechou o seu texto, intitulado «Côrtes-Rodrigues: um percurso», a 20 de dezembro de 1997. Mas a etapa mais interessante foi a que se seguiu: lembro-me que fui muitas tardes para sua casa conversar sobre o texto, discutir o elenco de imagens, as encenações, as entrevistas possíveis. Ele, como sempre, cumpria escrupulosamente a hora agendada para iniciarmos o trabalho. Pelo meio da abordagem séria, surgiam os episódios mais jocosos.

Ficou gravado na minha memória o sorriso terno do meu querido professor, a bondade de alma, a crítica que era certa, mas nunca agressiva.

Já avançado na idade, encontrei-o, pela

última vez, na baixa da cidade de Ponta Delgada. Recordo o asseio do seu fato, o cabelo penteado, o tom rosa acentuado das suas maçãs do rosto. Teci-lhe um rasgado elogio à sua juventude, e ele lá me foi dizendo que não era do aspeto que se queixava.

Orgulho-me de ter privado com o Professor José de Almeida Pavão. Guardo, com amizade, uma separata por ele assinada e oferecida em 1985, sobre a Originalidade e Imitação no Teatro Romaniano. Aliás, por hábito, os nossos professores ofereciam-nos publicações suas, gesto nobre que apreciávamos.

Era um tempo de amor às Letras e de um profundo respeito pelos nossos mestres, com quem nos habituámos a conversar. Sabíamos que estávamos perante pessoas que eram especiais e nos ajudariam a trilhar um caminho mais seguro e honesto.

Como docente do ensino secundário, sugeri, por diversas vezes, aos meus alunos que lessem Xailes Negros e Marianinha, e eles acataram, com agrado, a minha proposta. Agora que se comemoram os 100 anos do nascimento de José de Almeida Pavão, seria bom retomar a leitura da sua ficção bem como dos seus estudos.

Ponta Delgada, 1 de dezembro de 2019

# Doutor Pavão e Napoleão



Vasco Garcia

De acordo com o diploma que conserva religiosamente na coleção de documentos académicos acumulados ao longo da minha vida estudantil, entrei para o 1º ano do Liceu Nacional de Ponta Delgada em 1949 na privilegiada condição de jovem habitante do nº 39 da Rua do Deserto, a quem alguém teve um dia o duvidoso gosto de dar o nome de um militar, tão ao jeitinho da época. Seja como for, descia a rua a correr mal soava o 1º toque da sineta, cruzava o portão ao 2º (o toque de chamada para as meninas, que tinham um pátio de recreio separado, não fosse o diabo tecê-las...) e estava à porta da sala de aula antes do 3º toque, aquele que determinava o início da aula, ou a sua anula-

ção por ausência de docente. Era raro isso acontecer, muito menos com professores de elevado nível, como a minha geração teve a felicidade de ter. Não cometerei a injustiça de citar nomes, porque esqueceria inadvertidamente alguns; mas, porque estamos celebrando o centenário do nascimento de uma figura ímpar que marcou a minha forma de escrever em Português, é ao Dr. José de Almeida Pavão que vou dedicar estas modestas linhas, contando uma ou duas estórias elucidativas.

Nesse ano de 1949, o Reitor do Liceu era o Dr. João Hickling Anglín, outra referência do nosso tempo, a quem a “malta” carinhosamente tratava por “João

Reitor”, mas somente entre a rapaziada... porque ser chamado ao seu gabinete, era mau sinal, tal era o respeito que lhe tínhamos. Já ir à presença do Vice-Reitor – lembro-me do cargo ser exercido pelo Dr. Pavão, que posteriormente foi Reitor – era uma antecâmara mais suave, embora ainda intimidante. Não havia razão para tais receios, pois a bonomia de ambos era notória e proporcional às respetivas competências docentes, conforme pude comprovar quando fui aluno do Dr. Pavão na disciplina de Português. Havia quem embeirrasse com a leitura dos “Lusiadas”, em especial com a gramática e a divisão das orações, ou com as exigências de correção da escrita; porém, dado que sempre fui viciado na leitura, para mim era um deleite procurar escrever português corretamente. Esse gosto permaneceu até hoje, devendo-se em grande parte às aulas que tive com o Dr. Almeida Pavão.

Ao ponto de, terminado o 5º ano do Liceu (actual 9º ano) quando tive de escolher entre Letras e Ciências, ter professores como o Dr. Eufráasio Freire de Oliveira (de Inglês) e o Dr. Pavão (de Português) que achavam dever optar pelas Línguas, e outros, como o Dr. Vicente (Ciências Naturais) que entendiam dever seguir Ciências. Venceu a corrente naturalista, entrando para “o caldeirão”, a alínea F) que juntava tudo o que ia para Ciências. Para quem em criança atrelava gafanhotos a caixas de fósforos, para ver como andavam, depois de lhes amarrar as asas com fios de linha, as Letras não eram tão atrativas como a biologia, embora lesse tudo, de Jules Verne a Stefan Zweig. Isto veio refletir-se no grande projeto de vida que foi o arranjo, as Letras não eram anos depois vim encontrar de novo o Dr.

Almeida Pavão. Há 40 anos, quando defendi a primeira tese de doutoramento da nossa Universidade, encontrava-se na assistência o Dr. Pavão, seguindo atentamente as provas. Terminadas estas, vieram os cumprimentos da praxe, entre eles do meu antigo professor, na altura já docente universitário convidado desde 1976, que me perguntou o que eu achava se ele próprio se propusesse a doutoramento. Respondi literalmente “vai fazê-lo com uma perna às costas!” -- o que fez, obtendo o grau de Doutor após os 60 anos e uma carreira brilhante, jubilando-se como catedrático.

O Doutor José de Almeida Pavão deixou entre nós, sobretudo os que foram seus alunos, um rasto de humanismo, competência e qualidade docente, simplesmente exemplares. Para mim, a melhor estória que o define e contei 1 ou 2 vezes em público, é a de Napoleão e os combatentes de Austerlitz. Passando revista às tropas imperiais, após a vitória, Napoleão Bonaparte definiu-os dizendo que, quando lhes perguntarem onde lutaram e disserem que estiveram na batalha de Austerlitz, isso basta para que lhes respondam “voilà un brave!”, o que pode traduzir-se em português por “eis um valente!”. Não há muito tempo, a convite de um grupo da Universidade dos Açores, estive num jantar onde recordei este episódio de Napoleão Bonaparte e seus soldados, comparando com os sucessos do Doutor Almeida Pavão relativamente aos antigos alunos dos nossos Liceu e Universidade. Disse então, convictamente: quando alguém quiser explicar porque domina bem a Língua Portuguesa, basta dizer “fui aluno do Doutor José de Almeida Pavão”, como Napoleão disse aos franceses de Austerlitz.

Ponta Delgada, 5.12.2019

## Professor Pavão: a missão da pedagogia



Maria do Céu Fraga

Fui aluna do Prof. Doutor Almeida Pavão na Universidade dos Açores. Era o exemplo vivo de que se torna mais fácil ensinar literatura quando, além de se saber a matéria de que se fala, se gosta de ensinar. Ora, além disso, o Prof. Pavão gostava de literatura e sentia os textos que nos fazia estudar. Sabia entusiasmar os alunos, porque ele próprio vivia as matérias que lecionava.

No Departamento, o Prof. Pavão ensinava Literatura Portuguesa Clássica, e do seu programa faziam parte Gil Vicente e Camões, autores que estudara e a que dedicara estudos e publicações que ainda hoje continuam, aliás, a manter actualidade e fazer pensar. Pois nas aulas, ele, que até recitava de cor os textos, continuava a emocionar-se com os sonetos camonianos e a rir, com uma alegria genuína que o fazia chorar até, com as deixas do Parvo do Auto da Barca do Inferno.

O Professor Pavão gostava de partilhar o seu saber, e não eram só os seus estudos que davam origem a encontros a que bem caberia o nome de

tertúlias, promovidas muitas vezes por iniciativa do Instituto Cultural de Ponta Delgada. Num ambiente simpático, o público era recebido pelo Doutor Pavão, apoiado pela Senhora D. Lili, com a afabilidade de quem recebe amigos. Partilha de saberes, nem sempre de cariz literário, note-se. Numa época em que ainda nem se sonhava com a internet e se viajava bem menos, a sessão podia até incluir uma projecção comentada dos diapositivos que resumiam uma viagem ao estrangeiro, a declamação de poemas ou a narrativa de episódios divertidos.

Nós, alunos da Universidade, acompanhávamos essa actividade, e com isso, insensivelmente, integrávamo-nos num mundo cultural que de uma forma agradável fomos sentindo como nosso. Por tudo isso, e por muito mais, o Professor Pavão manteve amigos em gerações sucessivas de alunos, nos diversos graus de ensino em que lecionou. E quem foi seu aluno só pode orgulhar-se e manifestar a sua gratidão neste dia em que se celebra o centenário do seu nascimento.

